



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL -  
CAMPUS REALEZA  
GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL - LICENCIATURA**

**NERIANI DE LIMA DUARTE**

**O AMOR E A MORTE EM ÁLVARES DE AZEVEDO: OS BRINDES DE GOETHE E  
BYRON EM UMA NOITE NA TAVERNA.**

Trabalho apresentado ao componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Letras: Português e Espanhol - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, sob orientação do Prof. Dr. **Saulo Gomes Thimoteo**.

**REALEZA**

**2021**

# O AMOR E A MORTE EM ÁLVARES DE AZEVEDO: OS BRINDES DE GOETHE E BYRON EM UMA NOITE NA TAVERNA

Neriani de Lima Duarte<sup>1</sup>  
Saulo Gomes Thimóteo<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa analisa a forma com que os temas frequentes do amor e da morte aparecem na obra *Noite na taverna*, do autor brasileiro Álvares de Azevedo. O objetivo é compreender em que medida esses símbolos alegóricos aparecem nos contos *Solfieri* e *Bertram*, partes do livro mencionado, e como são abordados a partir de uma influência das obras de Johann von Goethe, autor alemão, e Lord Byron, poeta britânico, nomes centrais do Romantismo nos anos finais do século XVIII e iniciais do Século XIX na Europa, para perceber Álvares de Azevedo como a expressão do movimento literário no Brasil. Como suporte, ampara-se este estudo em teóricos literários como Rubens Pereira dos Santos (1993), Yvette Kace Centeno e G. Martins de Oliveira (1972), João de Almeida Flor e Simoneta Bianchi Ayres de Carvalho (1972), essas últimas duas obras da coleção *Gigantes da Literatura Universal*, a fim de levantar o contexto sócio-histórico-cultural das obras de Goethe e Byron, entre outros. A partir das reflexões mensuradas, compreende-se, como resultado, que Álvares de Azevedo é, sim, expressão do movimento literário supracitado no Brasil, e que há relação de proximidade entre sua obra e a de expoentes do Romantismo como Johann von Goethe, na Alemanha, e Lord Byron, na Inglaterra.

**Palavras-chave:** Álvares de Azevedo - Ultrarromantismo - Romantismo - Literatura Brasileira - Literatura.

## RESUMEN

Esta investigación analiza la forma en que los temas frecuentes del amor y la muerte aparecen en la obra *Noite na Taverna*, del autor brasileño Álvares de Azevedo. El objetivo es comprender hasta qué punto estos símbolos alegóricos aparecen en los cuentos *Solfieri* y *Bertram*, partes del citado libro, y cómo se abordan desde la influencia de las obras de Johann von Goethe, autor alemán, y Lord Byron, poeta británico, nombres centrales del romanticismo de finales del siglo XVIII y principios del XIX en Europa, para percibir a Álvares de Azevedo como la expresión del movimiento literario en Brasil. Como soporte, este estudio cuenta con el apoyo de teóricos literarios como Rubens Pereira dos Santos (1993), Yvette Kace Centeno y G.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de graduação em Letras - Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza*. nerianiduarte50@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo - USP. Professor Adjunto III de Teoria Literária e Literatura na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *campus de Realeza-PR*, desde 2011. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

Martins de Oliveira (1972), João de Almeida Flor y Simoneta Bianchi Ayres de Carvalho (1972), estas últimas dos obras de la colección *Gigantes da Universal Literatura*, con el fin de plantear el contexto socio-histórico-cultural de las obras de Goethe y Byron, entre otros. De las reflexiones mesuradas, se entiende, como resultado, que Álvares de Azevedo es, de hecho, una expresión del citado movimiento literario en Brasil, y que existe una estrecha relación entre su obra y la de exponentes del romanticismo como Johann. von Goethe, en Alemania, y Lord Byron, en Inglaterra.

**Palabras Claves:** Álvares de Azevedo - *Ultrarromantismo* - Romanticismo - Literatura Brasileña - Literatura.

## INTRODUÇÃO

O Romantismo, surgido nas últimas duas décadas do século XVIII na Europa, representou, para aqueles que o tomam como objeto de estudo, a quebra da tradição clássica. O movimento, com caráter revolucionário, foi símbolo de uma geração da sociedade marcada por grandes mudanças sociais e econômicas, influenciadas sobretudo pela Revolução Francesa. Nesse contexto, houve, segundo o autor Rubens Pereira dos Santos, em *Poetas Românticos Brasileiros* (1993), a popularização dos gêneros literários ao passo em que a liberdade de criação e a valorização do indivíduo marcaram o período, em contraposição aos valores estéticos do Classicismo.

Nesse sentido, os escritos românticos passam a apresentar características diretamente ligadas aos gostos artísticos dos novos leitores de literatura que surgiam. Desse modo, a subjetividade, a evasão, a idealização do amor, o sentimento nacionalista e o inconformismo tornam-se temas frequentes nos principais autores da Europa, como, por exemplo, Lord Byron, na Inglaterra, Johann von Goethe, na Alemanha, e Victor Hugo, na França.

No Brasil, ainda segundo Santos (1993), os autores românticos foram altamente influenciados pelos europeus, entretanto, dividindo-se o movimento aqui em três gerações: a primeira, fortemente ligada à religiosidade, ao indianismo e à natureza; a segunda, também conhecida como Ultrarromantismo, altamente direcionada aos temas pessoais de cada escritor e possuindo como tema principal o pessimismo; e a terceira, marcada pelo desejo de transformação social.

Na conjuntura apresentada, era comum que as figuras e os símbolos tratados com predominância nas obras dos europeus aparecessem também nos escritores brasileiros. Centeno e Oliveira (1972), em *Goethe*, e Flor e Carvalho (1972), em

*Byron*, respectivamente nos volumes 16 e 19 da coleção *Gigantes da Literatura Universal*, analisam a obra desses dois autores basilares e suas respectivas contribuições e influências na construção do Romantismo. Nesse sentido, a investigação desses dois autores e de seus temas mais recorrentes contribui à presente pesquisa, uma vez que a delimitação temática deste artigo tem como foco investigar a construção do Romantismo no Brasil, com ênfase na segunda geração, utilizando as influências dos autores Goethe e Lord Byron para perceber a expressão desse movimento a partir do reconhecimento dos símbolos da morte e do amor em Álvares de Azevedo.

Portanto, a pergunta problematizadora questiona: o autor brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852) é influenciado por Goethe (1749-1832) e Byron (1788-1824) no tratamento dado aos símbolos do amor e da morte em sua obra? Presume-se, como hipótese, que os contos *Solfieri* e *Bertram*, integrantes do livro póstumo *Noite na Taverna* (1855), de Álvares de Azevedo, estabelecem relações de familiaridade com as características composicionais do movimento literário a que pertencem, sobretudo a partir dos símbolos alegóricos do amor e da morte. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é explorar os símbolos alegóricos do amor e da morte em Byron e Goethe, no intuito de compreender a maneira como Álvares de Azevedo os trata nos contos *Solfieri* e *Bertram*, a fim de perceber no autor a expressão do Romantismo no Brasil.

O presente trabalho justifica-se pela importância não só do estudo do autor Álvares de Azevedo como expressão da segunda geração do Romantismo no Brasil, mas também da análise da construção literária de sua obra, identificando elementos característicos que a compõem a partir de seus símbolos alegóricos. Para além disso, atende aos anseios da pesquisadora, estudante do Curso de Licenciatura em Letras, e é viável, uma vez que os pressupostos teóricos desta pesquisa são acessíveis.

Para a apresentação desta pesquisa, dispõe-se o cotejo da fundamentação teórica e dos excertos literários em três seções: a primeira, na qual será investigada, a partir de estudiosos do Romantismo, a relevância de Goethe e Byron na constituição da literatura gótica; a segunda, em que se analisará a construção do símbolo alegórico do amor nos contos *Solfieri* e *Bertram*; e a terceira, na qual, por meio de uma análise embasada nas influências de Goethe e Byron, investigar-se-á o símbolo da morte nesses dois contos.

## 1 JOHANN VON GOETHE E LORD BYRON: A EXPRESSÃO DE UMA LITERATURA GÓTICA

À maneira de mostrar ao mundo textos compostos em prosa ou verso se dá o nome de Literatura. Sendo, de acordo com Ivete Lara Camargos Walty “[...] uma das produções sociais onde o imaginário tem espaço de circulação garantido” (WALTY, 2003, p. 53), a literatura vem ao longo das suas centenas de anos encantando aqueles que viajam em seus símbolos e fazem descobertas nas mais diferentes maneiras com que ela se apresenta.

Retratada a partir dos mais diferentes gêneros, subgêneros, formas e escolas literárias, a essa arte de compor as palavras já foram empregados distintos modos de relacioná-la à sociedade, mostrando seus personagens como construções discursivas de identidades sociais, ainda que frutos do imaginário. Nesse sentido, Luciana Maria Fernandes da Silva (2005), a partir dos estudos de Bakhtin (1895-1975) e de Fairclough (2001), afirma que a obra literária sempre partirá do social, não só sendo constituída por ele, mas também o constituindo.

Na literatura fantástica percebe-se um real social representando alegoricamente e, por isso, deturpado, que modificando a realidade que expressa, torna-se um real imaginário. O fantástico representa, segundo Silva (2005), um movimento interdiscursivo de vozes sociais em diferentes maneiras de apresentar o mundo, inverossímeis, em partes, ao real, assumindo o interlocutor a figura de questionador, recusador ou consentidor de elementos que compõem a narrativa, sejam eles éticos, ideológicos ou simbólicos. O que se sabe é que, nos textos literários, os personagens que compõem a obra dialogam com seus contextos culturais e sociais, movimento no qual quem se propõe a lê-lo deve buscar a capacidade de identificar.

No Brasil, um dos exemplos da literatura fantástica é a segunda geração do romantismo, também conhecida como Ultrarromantismo. Surgida entre 1853 e 1869, essa geração, mais voltada ao eu-lírico, ficou conhecida como o “mal do século”, por tratar, predominantemente, de temas como a morte e o desgosto pelo viver. Nesse contexto de produção, Álvares de Azevedo desponta como o maior nome dessa geração, sendo até hoje referência desse momento literário.

Influenciado, sobretudo, pelo poeta britânico Lord Byron e pelo alemão Johann von Goethe (SANTOS, 1993), Álvares de Azevedo mostra, em suas obras, elementos como o noturno, o macabro e o satânico como bases para a construção de um romantismo gótico, ambientado em áreas aterrorizantes com esgotantes fatos de sangue e devassidão. Conhecido como o poeta da dúvida, o autor transparece nas suas obras além das incertezas, também uma angústia e uma melancolia, sob a qual constrói o que escreve. Segundo Rubens Pereira dos Santos, em *Poetas românticos brasileiros*, Álvares de Azevedo sempre foi um romântico exaltado, mergulhado em um profundo sofrimento, o qual se revela em seus escritos.

Em *Noite na Taverna*, antologia de contos do autor, Álvares de Azevedo expressa todas essas características em seus personagens que se distribuem nos cinco contos, mais prólogo e epílogo, do livro. Ambientado em uma taverna, na qual cinco rapazes narram cinco diferentes histórias que envolvem amores não correspondidos, alcoolismo, assassinatos, canibalismo, violência sexual, entre outros temas, a obra, publicada postumamente, expressa não só as características do autor, mas também as da segunda geração do romantismo de uma maneira geral e suas influências europeias.

Conforme supracitado, o Romantismo no Brasil foi a manifestação do que antes ocorrera no continente europeu. Surgido ao final do século XVIII, e sendo a principal forma de se expressar literariamente na primeira metade do século XIX, o Romantismo tem sua imagem atrelada até os dias atuais aos grandes escritores que revelou. Ao ganhar o prestígio de movimento literário, e não só atitude contrária ao iluminismo e ao racionalismo, tornou-se também um estado de espírito centrado no indivíduo, o qual é expressado de modo símil entre os diferentes românticos, tratando de temas como a fatalidade do viver, os amores dramáticos e platônicos, bem como desejos utópicos que representam um anseio por fugir da realidade.

Compartilhando destas características gerais, e expressando características próprias, surgem, em todo o território europeu, diferentes autores que ganharam notoriedade como expressão do Romantismo, trazendo em seus escritos um lirismo subjetivo, cada vez mais centrado no *eu* e nas suas emoções. Neste cenário, destacam-se na Alemanha Johann Von Goethe (1749-1832) e Friedrich Schiller (1759-1805), contemporâneos e líderes do movimento literário romântico alemão

*Sturm und Drang*<sup>3</sup>, o qual buscou uma reação ao iluminismo francês, àquela altura de grande influência na Alemanha. Assim, Goethe publica *Os sofrimentos do Jovem Werther* (1774), considerado como o marco inicial do Romantismo.

Nesse mesmo contexto, evidencia-se, na Inglaterra, o autor George Gordon Byron (1788-1824), ou, como costumou-se conhecer, Lord Byron, que mais tarde representaria a principal inspiração para o ultrarromantismo no Brasil. O autor britânico, mais jovem que os alemães, traz em suas personagens a melancolia da vida, que para muitos era a projeção da personalidade do autor, mas que, segundo ele próprio, não condizia com os fatos: “Identifico-me com a personagem que estou a criar, mas só enquanto não pouso a caneta” (BYRON *apud* FLOR; CARVALHO, 1972, p. 89). Em toda a obra de Lord Byron, assim como na de outros escritores românticos, têm-se a figura da mulher representada diversas vezes, com todas essas apresentando características semelhantes de mulheres heroínas que precisam lidar com o seu lado de inocente vítima amorosa. Conforme aparece em seu volume do livro produzido pela editorial Verbo da coleção *Gigantes da Literatura Universal*, as personagens de Byron são instintivas, inocentes e vão para onde o amor as leva, provocando, nos homens que as amam, dúvidas e lutas interiores.

Embora haja uma frequência em retratos de personagens femininas assujeitadas à condição de pobres vítimas amorosas, Byron não exclui de seu repertório também as figuras de mulheres do mundo, que apesar de, por vezes, tornarem ao papel de símbolos mártires, também se apresentam astuciosas. Nesse sentido, Flor e Carvalho (1972) afirmam que as heroínas amorosas de Byron se parecem umas às outras, tomando Ada, Parisina e Zuleica como exemplos. Eles analisam:

As três são extremamente jovens, ainda não marcadas pela vida: Zuleica é ainda uma adolescente; Parisina é recém-casada; Ada é mãe, mas vive no princípio do mundo, época que é um protótipo da humanidade desconhedora da dor e da morte. Instintivas, inocentes, generosas até ao sacrifício, vão para onde as leva o amor, deixando aos seus homens as dúvidas, as lutas interiores, os conflitos entre o dever e a paixão. (FLOR; CARVALHO, 1972, p. 104).

---

<sup>3</sup> Movimento literário romântico alemão, ocorrido entre 1760 e 1780, marcado por combater a influência francesa na cultura alemã e quebrar com a tradição classicista.

Na sequência, os autores acrescentam que, em similitude, as três personagens dedicam seu amor a uma pessoa do mesmo sangue ou parente próximo, como Zuleica que ama seu irmão, que depois descobre ser, na verdade, seu primo; Parisina, apaixonada pelo enteado Hugo; e Ada, que em união com seu irmão, como único casal da terra, continuam a humanidade. Assim, nota-se uma tendência de o amor aparecer em Byron como algo proibido e incestuoso que provoca destruição e morte quando essas paixões encaminham tragédias. Como quando Ada parte para o exílio, sob o peso do fardo moral que carrega, ou Parisina e Zuleica expressam sua dor num grito desesperado, seguido de um silêncio para sempre (FLOR; CARVALHO, 1972, p. 104).

A contagiosa melancolia das personagens de Byron, a desventura e os amores fatais parecem possuir uma ligação, por exemplo, com Werther, personagem de Goethe que abandona uma vida que sem Carlota – Charlotte, no original – não merece ser vivida. Em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, Werther se apaixona por Carlota, moça prometida a outro rapaz, Alberto, e que, a partir dessa situação, vê-se destinado a conviver com um amor platônico. Ao final, quando Carlota já desposada por Alberto toma ciência dos sentimentos de Werther, a partir da confissão desse, tem seu casamento salvaguardado, na percepção de Werther, pelo suicídio daquele que a ama. Outra comparação possível dos personagens de Byron com o de outros autores que descrevem amores fatais é Heathcliff<sup>4</sup>, de Emily Brontë<sup>5</sup>, personagem que se dedica ao amor impossível por Catherine até que a morte o colhe. Isto é, a constituição da literatura nessa época assemelha-se, sobretudo, na construção de personagens que vivem o amor como filosofia de vida, em uma existência que só é concreta e completa quando guiada pelos sentimentos e os impulsos do coração, ainda que esse sentimentalismo leve, quase sempre, a meios e fins mórbidos e assustadores, exprimidos através de símbolos como a noite, os gritos e as tempestades.

No Romance de Goethe, percebe-se a criação de uma relação que posteriormente repetir-se-ia incansáveis vezes na literatura, sobretudo no Romantismo: o amor e a morte. Nesse sentido, o Romance, que traz a visão de Werther dos fatos, uma vez que é contado por meio de cartas a Guilherme, é a origem

---

<sup>4</sup> Personagem fictício do romance de Emily Brontë, de 1847, *O Morro dos Ventos Uivantes*.

<sup>5</sup> Escritora e poetisa britânica do século XIX.

daquilo que alguns teóricos chamam de pré-romantismo, e uma primeira distanciamento do neoclassicismo, uma vez que agora centram-se, predominantemente, as histórias no “eu”, ou seja, no individual, nos sentimentos e nas dúvidas geradas por esses que quase como regra levam a fins trágicos.

Postumamente à vida desses autores, circulavam, no Brasil, obras de grande expressão romântica, produzidas sobretudo na Europa. Nesse cenário, nasce, em São Paulo, Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852), que em sua vida breve - morreu, prematuramente, aos 20 anos - consome a literatura relacionada a este movimento, o que influencia diretamente suas produções líricas e narrativas. Desse modo, é facilmente perceptível identificar na obra de Álvares de Azevedo personagens e a utilização de símbolos semelhantes aos autores europeus, sobretudo Goethe e Byron.

Dentre os temas, os mais tratados pelo autor brasileiro parecem estar ligados, principalmente, à morte e ao amor. Nesse sentido, percebe-se um Álvares de Azevedo tratando o elemento da morte como uma libertação e o único meio de se livrar de uma profunda melancolia, essa provocada, dentre outras coisas, por amores platônicos e mulheres inalcançáveis. Para Antonio Candido, “[...] o sonho é nele tão forte quanto a realidade; os mundos imaginários, tão atuantes quanto o mundo concreto; e a fantasia se torna experiência mas viva que a experiência, podendo causar tanto sofrimento quanto ela.” (CANDIDO *apud* SANTOS, 1993, p. 29). No entanto, vale lembrar que o poeta é, como escreveu Fernando Pessoa no poema *Autopsicografia*, um fingidor que “[...]finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente.” (PESSOA, 1995, p. 235), pois a literatura é, sempre, projeção e “fingimento”.

Conforme mostrado anteriormente, Álvares de Azevedo assimila em sua obra muitas características semelhantes ao que publicam os autores europeus do Romantismo, como, por exemplo, Goethe e Byron. Todavia, as representações parecem ainda mais exageradas, tendo, principalmente no sentimento do desejo pela morte, a ilustração de uma angústia tão grande que acaba por reproduzir uma sensação de morte em vida, de uma existência sem aspirações, como se pode ver em sua obra poética e em sua obra prosaica. Em *Noite na Taverna*, antologia de contos do autor, percebe-se uma clara tendência a essas e outras características.

Nesse sentido, este trabalho se dedicará, nas próximas duas seções, a analisar, respectivamente, o amor e a morte nos contos *Solfieri* e *Bertram*, partes

integrantes do livro *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo, a fim de comparar a construção desses símbolos alegóricos pelo autor brasileiro, em comparação a Goethe e Byron. Toma-se como objeto de análise por parte dos europeus, respectivamente, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, romance epistolar<sup>6</sup> publicado em 1774, e *A Uma Taça Feita de um Crânio Humano*, poema de Byron. Vale adiantar, no entanto, que o amor e a morte nesses três autores aparecem, naturalmente, imbricados e que, por isso, as suas obras também serão analisadas em conjunto.

## **2 O AMOR EM SOLFIERI E BERTRAM: AS PÁLIDAS E MISTERIOSAS DONZELAS**

A obra *Noite na Taverna*, talvez a mais conhecida do autor brasileiro Álvares de Azevedo, é um conjunto de cinco contos, mais prólogo e epílogo, que, apesar de fazerem sentido separadamente, possuem uma ligação entre si. Assim, ocorrendo no espaço de uma taverna, cinco homens: Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann, embriagados pelo álcool, assumem o papel de narradores-personagens ao contar passagens de suas vidas, emprestando seus respectivos nomes para intitular os contos e assim relatar absurdos macabros. Nesse cenário, episódios de necrofilia, incesto e assassinatos vão aparecendo, no que parece se tornar uma disputa entre os homens envolvidos a respeito de quem contará a melhor história. Logo no início do primeiro conto percebe-se, conforme fora discutido ao longo da seção anterior desta pesquisa, a evocação de elementos simbólicos, personagens e ações que remetem ao interlocutor a criação de um ambiente de mistério, cercado de excentricidades:

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía as gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão. Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo. Aqui, ali, além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite. Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo-santo estavam quebradas junto a uma cruz. (AZEVEDO, s/d, p. 3)

---

<sup>6</sup> Técnica literária que consiste no desenvolvimento da história por meio de cartas.

Neste trecho do conto *Solfieri*, percebe-se uma forte intencionalidade de Álvares de Azevedo em criar um ambiente macabro e misterioso, construindo assim um clima sombrio, diretamente ligado ao fantástico, que em muito se assemelha ao que seu principal inspirador, Lord Byron, já expressava na Inglaterra alguns anos antes, conforme visto anteriormente.

Segundo os estudos de Camarini (2014), a literatura fantástica é expressada no romance gótico a partir do momento em que os autores “[...] sem deixar de considerar o racional, valorizaram a intuição e a imaginação; aboliram as fronteiras entre o interior e o exterior, o irreal e o real, o sono e a vigília, a magia e a ciência.” (CAMARINI, 2014, p. 166). Nesse sentido, o fantástico vai diretamente ao encontro das tendências românticas, uma vez que quebra com as tradições clássicas de um mundo ordenado, comedido e discreto. No contexto de produção de Goethe, por exemplo, pré-Revolução Francesa, isso significava uma rebeldia contra o que estava posto, ou seja, o antigo regime, os reis absolutistas, ideias tiranas e, principalmente, contra uma filosofia de vida que não observa o indivíduo, seus pensamentos e suas subjetividades, não centrada nos impulsos emocionais e nas suas consequências.

Dessa forma, em *Solfieri*, percebe-se a utilização proposital de alguns símbolos que vão remetendo ao leitor lugares sombrios como o cemitério, a noite, e a palidez humana, remetendo-nos a fantasmas. Para além disso, as personagens constroem ações que parecem levar aos leitores uma sensação de angústia crescente, como se todas estas características mencionadas fossem tendo um crescimento gradual ao passo em que o conto vai se desenvolvendo e o leitor as assimila. Nestas circunstâncias, todos os contos do livro *Noite na Taverna* parecem abordar diferentes temas, compartilhando do fato de partirem sempre da excentricidade e um grande pessimismo de seus narradores-personagens em relação à vida, sempre como consequência de infortúnios amorosos. Dessarte, o conto Bertram também constrói, sobretudo a partir dos símbolos, uma atmosfera mórbida, como, por exemplo, quando a mão é molhada de sangue pelos lábios, criando um suspense que posteriormente revelaria que Ângela matara uma criança e o marido por conta do amor por Bertram:

Era alta noite: eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei. — Ângela com os pés nus, o vestido solto, o cabelo desgrenhado e os olhos ardentes tomou-me pela mão... Senti-lhe a mão úmida.... Era escura a escada que subimos: passei a minha mão molhada pela dela por meus lábios. Tinha saído de sangue (AZEVEDO, s/d, p. 6).

A partir disso, identifica-se, no livro *Noite na Taverna*, questões símeis não só entre os contos, aqui selecionados *Bertram* e *Solfieri*, mas também entre o que publicaram autores como Lord Byron e Johann von Goethe, conforme vimos na seção anterior, apresentando ambientes noturnos e mórbidos, tomando a escuridão como pano de fundo para cenários que envolvem cemitérios, túmulos, e ações como traições e assassinatos. Ainda, sente-se uma visão pessimista de mundo a partir de personagens sem perspectivas, que procuram no brincar com a morte um sentido para uma vida decadente.

Desse modo, em ambos os contos ora analisados, o amor sempre aparece em uma relação de flerte com a morte. Nesse sentido, percebe-se continuamente a figura do narrador-personagem em situações que ao mesmo passo em que descreve os amores pelas pálidas donzelas ou dessas por ele, precisa entender também o fato da morte estar, intrinsecamente, presente nessas relações. Um exemplo disso vê-se no conto *Solfieri*, quando seu protagonista se apaixona pelo cadáver de uma mulher encontrado no cemitério e goza dos prazeres dessa companhia, em situações que parecem sugerir um ato necrófilo. Não dissemelhante, *Bertram* se mostra como um sujeito que desperta nas mulheres imediatos amores que terminam sempre com a morte de alguém, fato que se vê primeiro na morte do marido e do filho de Ângela, que mata os dois para ficar com *Bertram*, depois no óbito do pirata Siegfried que se casa com a filha do Fidalgo, antes esposa de *Bertram*, que o mata, e também no assassinato do comandante do navio, que o salva do suicídio, quando *Bertram* o assassina e o torna alimento para ele e a mulher do comandante.

Para além disso, ainda nessa associação entre amor e morte, a construção das personagens femininas nos dois contos aparentam sempre apresentar figuras pálidas e com vestes brancas, que se confundem entre a representação de um anjo e de um cadáver, fato que por vezes parece ter a intencionalidade de realmente se misturarem, como se fossem similares para o narrador-personagem, em especial *Solfieri*:

As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma idéia perdida. — Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da

igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. (AZEVEDO, s/d, p. 4)

Nesse excerto de *Solfieri*, percebe-se de maneira clara o narrador-personagem estabelecer relações entre o cadáver e uma figura angelical, remetendo-se a uma mulher que havia visto um ano antes no mesmo cemitério. Desse modo, Solfieri a despe como, segundo ele mesmo, o noivo despe a noiva e aproveita aquele momento até que a madrugada já pousasse frouxa nas janelas e ele, ao perceber que, na verdade, ela estava viva, leva-a para sua casa, onde a donzela morre dois dias depois.

Em *Solfieri*, o amor aparece como uma contemplação da figura da mulher amada, como um amor pelo inanimado. Quando defunta, Solfieri a ama, quando ela retorna à vida durante dois dias, a vê como louca, voltando a amá-la quando essa morre, definitivamente, e ele manda esculpir em cera sua imagem. Em *Bertram*, por sua vez, o narrador-personagem se apresenta como a figura amada, despertando nas mulheres que conhece um impulso ou uma predisposição em tudo fazer para tê-lo. Como, por exemplo, Ângela, que mata o filho e o marido, ou a filha do Fidalgo, que desonra seu pai e a si mesma para fugir com Bertram.

No conto, Bertram admite amar tais mulheres, mas por pouco tempo, revelando um lado narcisista e uma tendência a seguidas conquistas. Dado isso, pode-se estabelecer uma relação entre Bertram e outro personagem de Byron, Don Juan, que, ao contrário do mito original, é um homem que se apaixona facilmente pelas donzelas que encontra pelo caminho. No *Don Juan* de Byron, há dois personagens principais: o próprio Don Juan, jovem, e o narrador, que mais tarde sugere-se ser Don Juan envelhecido. Em *Bertram* é o próprio narrador-personagem que conta a sua história de aventuras em analepses, descrevendo, também, uma outra época de sua vida.

Para Álvares de Azevedo, o amor expresso por seus diferentes personagens, presentes em suas obras, aparenta, ainda que diferentes entre si, apresentar um determinado padrão. Nesse contexto, os amores parecem sempre não correspondidos, platônicos, seja na figura não-amada do protagonista, como em *Solfieri*, seja na figura amada, mas que ama por curtos períodos, como em *Bertram*. Segundo Santos (1993), o autor costumeiramente idealizava as mulheres retratadas sobretudo em sua obra lírica, criando situações de amores puros e platônicos por mulheres sonhadas, amores que continuam mesmo depois da morte e que, apesar de algumas vezes aparecerem assim, são livres, ou quase livres, de erotismo. Um

exemplo disso é Solfieri que ama a pálida donzela e dorme sobre a laje que cobre o corpo da mulher por um ano. Nesse conto, a figura da mulher idealizada aparece tão fortemente que Solfieri a ama quando finada, mas deixa de a amar quando percebe que essa está viva, tornando a amá-la, somente, quando, dois dias depois, ela morre novamente. Isto é, quando a donzela não cumpre com as expectativas por Solfieri fantasiadas, ele não mais a estima.

Ao tomar como foco de análise, e para fins de comparação, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, assumindo as tendências que compõem essa obra como as iguais inclinações que inspiraram Álvares de Azevedo em *Noite na Taverna*, nota-se, por exemplo, um tratamento dado ao amor, enquanto símbolo alegórico, que estabelece relações de similitude entre as produções dos dois autores.

Nesse sentido, Werther é o arquetípico personagem do romantismo que apaixonou-se por Carlota ao vê-la pela primeira vez. Prometida a Alberto, Werther a ama de maneira platônica, o que causa, em seu interior, dúvidas e angústias que são expressadas nas cartas que ele escreve a Guilherme, como se fora um diário íntimo do protagonista. Assim como Werther, Solfieri enamora-se de uma figura e ama-a de imediato quando a vê na janela, seguindo-a até o cemitério e, perdendo contato por um ano, continuando a amá-la, não saciado pelas paixões de outras mulheres até que volta a vê-la. Em Werther e Solfieri, a vida não faz sentido se não na presença da figura amada, como se os impulsos do coração fizessem a vida valer a pena e fosse esse o seu sentido. No não cumprimento dessa ideia, apenas a morte seria a saída. No caso de Werther, o suicídio é a forma que ele encontra de acabar com seu sofrimento, no caso de Solfieri, é na nova morte da figura amada que ele encontra acalento.

### **3 A MORTE EM SOLFIERI E BERTRAM: O EXACERBADO DESEJO PELA FUGA DA NÃO-VIDA**

Ao se ler Álvares de Azevedo, é notável, principalmente em sua obra lírica, uma constante dúvida, um desassossego provocador de melancolias e fruto de uma solidão. Nesse cenário, não é atípico uma frequência de temas como a morte, não só no sentido literal, mas também de uma morte em vida, ou melhor, de uma não-vida. Assim, o morrer, literalmente, torna-se algo desejado pelo eu-lírico de maneira constante, como, por exemplo, em *Se eu morresse amanhã*:

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã  
A dor no peito emudecerá ao menos  
Se eu morresse amanhã!  
(AZEVEDO *apud* SANTOS, 1993, p. 29)

No poema, são perceptíveis características românticas semelhantes às de autores que o influenciam, como Lord Byron e Johann Von Goethe, mas ainda mais exaltadas, elevando os sentimentos como a angústia ao máximo, o que expressa um sofrimento profundo. Nesse sentido, nota-se como principal elemento composicional deste poema o desejo pela morte, atrelando-se à dúvida, principal faceta mostrada pelo autor, ao longo de seus escritos. Neste poema, vê-se um Álvares de Azevedo tipicamente ultrarromântico, expressando uma dor tão forte que não seria minimizada nem ao menos pelos louros que a glória lhe proporcionaria, como se pode ver no excerto do poema selecionado.

Não discrepante, nos contos *Bertram* e *Solfieri*, a morte é uma constante nas ações das personagens e integrantes ao meio dessas. *Solfieri*, por exemplo, estabelece uma relação de afeto pelo cadáver da pálida donzela e trata com naturalidade o fato de ela estar, aparentemente, sem vida e de tornar a morrer, posteriormente. *Bertram*, por sua vez, trata com ironia o fato de todos ao seu redor acabarem morrendo, como, por exemplo, o filho e o marido de Ângela, e também com naturalidade o episódio em que matou o comandante para se alimentar.

Nesse contexto, Álvares de Azevedo acaba criando cenários sempre mórbidos, como a própria taverna, na qual os cinco homens contam suas histórias, no cemitério visitado por *Solfieri*, ou ainda na sombria casa de Ângela. A partir de símbolos alegóricos, que provocam o leitor a imaginar o ambiente carregado que o autor propõe, as histórias parecem coerentes com o ar misterioso e macabro que se constrói a partir, por exemplo, da noite e da lua que se esconde:

— Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. — A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas. (AZEVEDO, s/d, p. 3)

No excerto, nota-se uma tendência do autor a utilizar os elementos noturnos como fatores que agregam à história contada, com o objetivo de criar um ambiente sombrio. Nesse sentido, percebe-se, por exemplo, que quando as luzes se apagam e a lua se esconde, a sombra de uma mulher pálida aparece solitária na janela. Mais à frente, a mulher sai da casa e segue para o cemitério, momento no qual o autor utiliza a expressão de que a noite se fazia mais alta, ou seja, mais deserta, quando isso ocorreria. Em *Bertram*, mais uma vez o ambiente noturno e a escuridão parecem acompanhar os relatos, ainda que sempre haja um elemento de luz, como a pele pálida da mulher. Logo na primeira página, no momento em que Ângela mostra a Bertram os corpos do filho e do marido, o autor faz questão de colocar como aposto às informações que viriam a frase: era alta noite.

Nesse cenário, o autor flerta com a morte de maneira natural em ambos os contos. Parecem em alguns momentos banalidade ou caso comum o marido degolado de Ângela, o pai morto de Bertram, a morte do homem que salva Bertram do afogamento, o corpo do comandante virar comida até que os corvos o quisessem também e o fato da pálida donzela, a quem Solfieri ama, estar morta. Tais questões, acabam por revelar uma indiferença pela morte, que mais tarde se confirma: "Morrer hoje, amanhã, ou depois... tudo me era indiferente, mas hoje eu tinha fome, e ri-me porque tinha fome." (AZEVEDO, s/d, p. 11)

No trecho acima, vê-se em *Bertram* a expressão ambígua do morrer. Para o personagem, viver era indiferente, então morreria a qualquer hora no que dependesse de si. No entanto, naquele exato momento tinha fome e, por isso, matar o velho comandante para se alimentar não era má ideia, inclusive, algo normal a ser feito. Nota-se um descaso de Bertram por sua própria vida e também pelas vidas alheias, fato que se repete ao longo de todo o conto, pois até mesmo quando seu pai falece na Dinamarca, ele só consegue pensar em Ângela.

No excerto selecionado anteriormente neste artigo, citando uma passagem em que Solfieri encontra um caixão entreaberto, há a ideia de o narrador-personagem relacionar um cadáver a uma figura angelical, como se fossem símbolos quase sinônimos. Nesse sentido, a morte e as questões sombrias que ela envolve não são vistas, assim, como algo necessariamente ruim, mas como algo natural, em semelhança com outros autores do movimento romântico. Em *A uma Taça Feita de um Crânio Humano*, Byron, por sua vez, já utilizara símbolos comumente relacionados

pelas pessoas como algo macabro na posição de algo comum. No título do poema já há o brinde, ou seja, a celebração da morte de um ser humano que serviu de algo apenas quando morto: uma taça para alegrar a vida de alguém vivo. Desse modo, a morte é vista como algo natural, conforme vemos na tradução de Castro Alves:

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,  
Quando tu e os teus fordes nos fossos,  
Pode do abraço te livrar da terra,  
E ébria folgando profanar teus ossos.  
(ALVES, 1998, p. 81)

Byron, ou melhor, o seu *Eu Poético*, trata a morte como algo que chegará para todos conseqüentemente e, ao longo do poema, refere-se que melhor do que servir para alimentar os vermes é servir de taça para brindar a vida. Em *Bertram*, por exemplo, quando há o naufrágio e ele, o comandante do navio e sua mulher ficam ilhados, é natural para o narrador-personagem assassinar o comandante para servir de alimento até que não mais valesse e então seu corpo fosse compartilhado com os corvos, pois Bertram via o morrer como algo natural, que viria hoje, amanhã ou depois.

Em *Werther*, a morte do protagonista através do suicídio aparece como a solução para o fim da angústia sentida por esse nos dias em que passou amando Carlota. Nesse sentido, morrer para Werther significou a libertação de seus pensamentos íntimos e, concomitantemente, uma libertação para Carlota que, a partir da perspectiva de Werther, salvaria seu casamento com Alberto. Em *Solfieri*, a morte da pálida donzela, depois que já havia voltado à vida, significa para o protagonista a certeza de que somente morta ela cumpriria a idealização que ele fizera dela e que só nessa condição ele a amaria.

Em todos os casos até aqui citados, seja nos trechos selecionados de Álvares de Azevedo, seja nos excertos de Goethe e Byron, há, sempre um desejo pela fuga de uma não-vida, isto é, de uma morte em vida quando essa não faz mais sentido, quando não é guiada pelos impulsos do coração. Nesse sentido, a vida só vale a pena sendo regida pelos sentimentos, em uma ideia filosófica que parece ter marcado fortemente o movimento literário do romantismo em toda parte do globo.

Nesse caso, a vida comedida, discreta, não vale a pena. Os amores precisam ser vividos intensamente com a morte estabelecendo, sempre, em alguma medida, relação. Assim, o *Eu* é sempre a figura central da obra romântica, na qual o viver é

guiado pelos impulsos emocionais e nas suas consequências, e não há barreiras entre o real e o irreal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa promoveu uma análise da obra *Noite na Taverna*, do escritor brasileiro romântico Álvares de Azevedo, em específico os contos *Solfieri* e *Bertram*. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi analisar o tratamento dado aos símbolos alegóricos do amor e da morte nesses dois contos, comparando-os às obras dos autores Lord Byron, britânico, e Johann von Goethe, alemão, evidenciando, assim, relações de similitude.

Dessa forma, constatou-se, a partir da análise da obra de Goethe e Byron, sobretudo no romance epistolar *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, do primeiro, e o poema *A uma Taça Feita de um Crânio Humano*, do segundo, que é possível, sim, destacar semelhanças entre as características das personagens, dos símbolos e das ações desses escritores com as do escritor Álvares de Azevedo. Embasado nos volumes 16 e 19 da coleção *Gigantes da Literatura*, respectivamente dedicados à Goethe e Byron, levantou-se características importantes da literatura dos autores e se pôde relacioná-las aos *corpus* de análise desta pesquisa.

A idealização da figura da mulher amada, o desejo pela fuga de uma não-vida e os excêntricos ambientes construídos por Álvares de Azevedo parecem estar inspirados nos precursores do romantismo. Na condição de uma das maiores expressões da segunda geração do romantismo no Brasil, Álvares de Azevedo guia seus leitores para dentro de si próprios, em relações que fogem à normalidade e transpassam as barreiras do que é o real e o irreal, o interior e o exterior, o símil à realidade e aquilo que foge em alguma medida disso. Álvares de Azevedo é, sem dúvidas, um convite à redescoberta de um *Eu* levado pelos sentimentos que por vezes torna-se esquecido e dorme em sono (quase) mortificado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes e outros poemas**. São Paulo: Ática, 1998.

AZEVEDO, Álvares. **Noite na Taverna**. Disponível em:  
<[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/noitenataverna.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/noitenataverna.pdf)>.  
Acesso em 29 de ago de 2020. 31 pág.

CAMARINI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica**: caminhos teóricos. Disponível em:  
<<https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-letras-n9.pdf>>. Acesso em 31 de ago de 2020. 217 pág.

CAVALCANTE, Maria Imaculada. **A presença do byronismo na produção literária de Álvares de Azevedo**. Disponível em:  
<<http://www.revlet.com.br/artigo/37>> Acessado em: 28 de outubro de 2018.

CENTENO, Yvette Kace; OLIVEIRA, G. Martins. **Goethe**. São Paulo: Editorial Verbo, 1972.

FLOR, João de Almeida; CARVALHO, Simoneta Bianchi Ayres de. **Byron**. São Paulo: Editorial Verbo, 1972.

PESSOA, Fernando **Poesias**. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). p. 235.

REMO, Ceserani; TRIDAPALLI, Nilton Cezar (trad.). **O Fantástico**. Curitiba: Editora UFPR, 2006

SANTOS, Rubens Pereira dos. **Poetas Românticos Brasileiros**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

SILVA, Luciana Marinho Fernandes da. **Literatura e sociedade**: da teoria do reflexo à construção discursiva de identidades sociais. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/9455/5108>>  
Acessado em 24 de outubro de 2018.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**: Teoria da Literatura. Debates. Editora Perspectiva, 2008

WALTY, I. L. C. **Literatura e escola: anti-lições**. In: EVANGELISTA, A. .A. M.; BRANDÃO, H, M. B.; MACHADO, M. Z. V. (orgs.) *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.